




XVII ENANPUR

SÃO PAULO • 2017



Cartografia das Cidades Pequenas: o caso de Aceguá/BR e Acegua/UY

**Cartography of the Small Cities: the case of
Aceguá / BR and Acegua / UY**

Luana Pavan Detoni, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, luanadetoni@gmail.com

Eduardo Rocha, Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, amigodudu@yahoo.com.br

RESUMO

As cidades pequenas têm a potência do devir urbano. Esse ensaio cartográfico, traçado por ações rizomáticas, acompanhou os processos de subjetivação no território das pequenas cidades Aceguá - Acegua, localizadas na fronteira entre o Brasil e o Uruguai, a partir da pedagogia da viagem, quando um grupo multidisciplinar de viajantes-nômades-pesquisadores percorreu as cidades gêmeas da fronteira Brasil-Uruguai durante seis dias consecutivos. Foram agenciados à essa experiência os conceitos de fronteira e “literatura menor”, na inquietação dos modos de vida cotidianos, considerando a atualidade e os desejos de intervenção, em um fluxo instável de acontecimentos. O conceito de fronteira, enquanto sentido mais denso, como coexistência e correspondência, estados-de-vida-em-aberto-e-em-potência. E o conceito “literatura menor” sobre as características de desterritorialização, da ligação do indivíduo no imediato-político e do agenciamento coletivo de enunciação.

Palavras Chave: Cartografia; Fronteira; Cidade pequena.

ABSTRACT

Small towns have the power of becoming urban. This cartography essay, drawn by rhizomatic actions followed the process of subjectivation on the territory of the small towns Aceguá - Aceguá, located on the border between Brazil and Uruguay, from the pedagogy of travel when a multidisciplinary group of travelers-nomads-researchers toured the twin cities of Brazil-Uruguay border for six consecutive days. This essay agencied to this experience concepts of border and "minor literature", the restlessness of everyday modes of life, considering the present and the intervention wishes in an unstable flow of happening. The concept of border, while denser as coexistence and correspondence, state-of-living-in-open-and-in-power. And the concept "minor literature" on the characteristics of deterritorialisation, lead the individual in the immediate-political and collective enunciation agency.

Keywords: Cartography; Border; Small town.

INTRODUÇÃO

Este ensaio versa sobre uma experiência da cartografia sentimental (ROLNIK, 1989) – metodologia de pesquisa e intervenção – que se atém em acompanhar os processos de subjetivação (FOUCAULT, 1995) constituídos nas pequenas cidades Aceguá - Acegua, território de fronteira entre o Brasil e o Uruguai. Desde a aproximação entre as teorias do urbanismo contemporâneo e da filosofia da diferença, busca-se abordar as adversidades da arquitetura e urbanismo, quanto à apreensão da fronteira no território das cidades pequenas.

O conceito de fronteira, sentido mais denso, como coexistência e correspondência, foi agenciado na própria fronteira geográfica entre os dois países e também na dicotomia que acompanha as cidades pequenas, como por exemplo o limite entre campo e cidade, rural e urbano. Além dos sentidos comuns de cidade pequena e fronteira, avessos aos receptáculos de padrões, interessam os acontecimentos, a potência da diferença e o devir urbano.

A apreensão das cidades pequenas da fronteira, a partir da cartografia sentimental das cidades Aceguá - Acegua, foi traçada por processos rizomáticos (DELEUZE e GUATTARI, 1995), numa experiência de pedagogia da viagem, quando um grupo multidisciplinar percorreu as cidades da fronteira Brasil-Uruguai durante seis dias consecutivos. Os viajantes-nômades-pesquisadores, nesse percurso pela fronteira, puderam vivenciar o entre e as frestas nas cidades, através de uma experiência corporal que provocou marcas tanto em si quanto no corpo desse território.

Na ordem da complexidade e das multiplicidades, ocasionalmente puderam se expressar relações menores, provocando outros modos de vida; sendo estes, modos de subjetivação, compreendidos pela escolha estética e política que acolhe um determinado tipo de existência. As fronteiras concebidas na contemporaneidade como territórios de transformação, regidos pela multiplicidade, zona de experiência, são territórios resultantes do contágio entre heterogêneos.

A abordagem do conceito “literatura menor” (DELEUZE e GUATTARI, 2014) nas cidades pequenas possibilita acompanhar os processos de resistência no cotidiano: as características de desterritorialização, da ligação do indivíduo no imediato-político e os agenciamentos coletivos de enunciação que fazem alusão ao que uma minoria é capaz de fazer em uma língua maior. Por exemplo, o que acontece quando as cidades pequenas são abordadas na generalização das metrópoles? Uma possibilidade seria resistir, em prol da coexistência do urbano repetição e do urbano diferença, permitir às cidades pequenas o combate à sua posição enquanto conservatório, reprimido pelo urbano como padronização.

CIDADES PEQUENAS E O CONCEITO DE FRONTEIRA

Fronteira, a etimologia da palavra implica no lugar que tende a se expandir, no que está na frente, e historicamente no fenômeno da vida social à margem do mundo habitado. Contudo, esta escrita trata, além do sentido de fim ou começo, de uma fronteira que embaralha, que está no espaço do entre e no tempo da contemporaneidade. Para Gilles Deleuze (1997), o sentido está na fronteira, em vez de nas alturas ou nas profundidades; importa a superfície de contato. Por meio da fronteira a dicotomia se estende e dissemina as partes. Limites como os de campo e cidade, de público e privado, de indivíduo e sociedade, sofrem rupturas e atravessamentos. Vinculada a sentidos mais consolidados a fronteira é maleável, ela conecta e institui os sentidos densamente. A fronteira não mistura, não homogeneiza, ela articula as diferenças em si. O sentido do campo está presente no sentido da cidade e o da cidade está presente no do campo.

As fronteiras são construções simbólicas produzidas pelos processos históricos e sociais. No sentido de borramento, zonas cinzentas e mal definidas, as fronteiras podem ser concebidas na contemporaneidade como territórios de transformação, regidos pela multiplicidade, zona de experiência (ROCHA, 2010). As fronteiras são territórios de devir, resultantes do contágio entre heterogêneos. O devir (DELEUZE e GUATTARI, 2014) é uma captura, uma possessão, uma mais-valia, jamais uma reprodução ou uma imitação.

Espaços fronteiros de ruptura e conflito, de extremidades e excessos. Enquanto conceito, discutem a coexistência, mais do que a identidade, e a correspondência, mais do que a sucessão. As cidades grandes não são sucessões das cidades pequenas, elas coexistem. Da mesma forma, nem toda cidade pequena virá a ser uma cidade grande, suas identidades não calcificadas estão em constante movimento, criam-recriam as experiências nos sujeitos que nelas habitam, seja por uma vida ou por um dia.

A história, segundo Foucault, nos cerca e nos delimita, não diz o que somos, mas aquilo de que estamos em vias de diferir, não estabelece nossa identidade, mas a dissipa em proveito do outro que somos (DELEUZE, 1992). De tal modo, o conceito de fronteira como zona de experiência se aplica também às cidades pequenas que apresentam características singulares condicionadas por sua história, pelo seu ambiente geográfico, pelas características de sua população. Inserida nesse território do entre, em meio à cultura de cidade e campo, mais do que um receptáculo dos padrões aplicados nas metrópoles, as cidades pequenas têm a potência do devir urbano.

Segundo Henri Lefebvre, apud Wendel (2010), no eixo temporal que representa a sociedade rumo à urbanização completa, no momento de inflexão do agrário para o urbano, o peso da cidade no conjunto campo/cidade torna-se maior em função da riqueza imobiliária, produção, mercado, troca e das possibilidades dos encontros. No cenário em que a força do urbano tende a se impor sobre as cidades pequenas, estas possivelmente não vão assistir passivamente à sua preponderância, mas sim resistir e criar um urbano diferença, um urbano da cidade pequena. Sendo esta uma possibilidade de ultrapassar a simples identidade dos contrários.

A transcendência das diferenças, na experiência de interação e de imersão em um território, mediada nas pequenas cidades Aceguá - Acegua, fronteira entre o Brasil e o Uruguai, respectivamente, constitui que as cidades pequenas são mais tranquilas, pacatas – por vezes até monótonas –, enquanto as cidades da fronteira são lugares de passagem, de movimento, de não de-morar-se. Esse último adjetivo com significado de permanecer apontado por Heidegger (FUÃO, 2015). No entanto, não é, absolutamente, esse sentido comum que interessa e sim o de que a fronteira coexiste na inquietação dos modos de vida, considerando a atualidade e os desejos de intervenção, na superfície dessas pequenas cidades. Esta zona de experiência não é apenas um lugar, é também uma submersão composta de fragmentos do acaso como condição do devir, o que possibilita um fluxo instável de acontecimentos, ao longo dos deslocamentos. O acontecimento para Foucault apud Castro (2008) da passagem de uma episteme a outra instaura novos acontecimentos discursivos, como uma prática história.

A produção do espaço urbano das cidades pequenas na contemporaneidade mostra além do presente momento também as aspirações da representação da “modernidade”. As modificações frutos desse desejo oferecem formas, objetos, conteúdos e problemas até então exclusivos de núcleos maiores, seu consumo e sua consumação incorporam as novas formas de vida urbana e constroem os tradicionais marcos simbólicos das cidades, como os prédios e os espaços públicos, especialmente a rua e a praça (WENDEL, 2010).

Para Walter Benjamin (1987), a representação do camundongo Mickey é um dos sonhos do homem contemporâneo, todos saem do corpo do camundongo, ao mesmo tempo que superam os limites técnicos zombam deles, o primitivismo e o conforto se unificam. Aos olhos das pessoas, esgotadas pelas infinitas complicações diárias e que enxergam o objetivo da vida apenas como o mais remoto ponto de fuga numa interminável perspectiva de meios, surge uma existência que se basta a si mesma, um automóvel não pesa mais que um chapéu de palha, e uma fruta na árvore se arredonda como a gôndola de um balão.

CARTOGRAFIA DA FRONTEIRA

A apreensão da fronteira vista pela lógica da multiplicidade não existe em outro plano que não seja o dos processos rizomáticos. Segundo o princípio de cartografia de Deleuze e Guattari (1995), o rizoma não possui uma estrutura passível de reprodução ou decalque. Avesso à busca de respostas ou motivos, definição e representação, não é possível delinear eixos genéricos ou estruturas gerativas. Acompanhar os processos requer um mapa, desenho movente que possui entradas múltiplas e diversidade de forma; pode se apresentar como desenho, escrita, obra de arte, ação política. A cartografia é sempre desmontável, reversível, conectável em qualquer uma de suas dimensões e pode ser produzida por um indivíduo, um grupo ou uma formação social.

Para os geógrafos, a cartografia é a representação de um mapa que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis, sendo tarefa do cartógrafo sentimental dar língua para afetos que pedem passagem, estar mergulhado nas intensidades de seu tempo e atento às linguagens que encontra; é preciso que ele devore os elementos que lhe parecem possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é antes de tudo um antropófago (ROLNIK, 1989).

Para o sentido de fronteira, onde o mais denso são as superfícies, o que interessa são as experiências e não as interpretações, a apresentação e não as representações; ao invés de fixar-se no todo, observa-se as singularidades. Zona de experiência, oposta aos modelos estruturais e gerativos, a fronteira, a fim de dar atenção ao novo, à emergência, refere-se ao tempo da atualidade.

A contemporaneidade anunciada por Giorgio Agamben (2009) é uma relação singular com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias. Pautado pelos conceitos de efêmero, intempestivo e obscuro, o tempo da contemporaneidade impulsiona a ordem do caos na delimitação das fronteiras como territórios estáveis e definidos. Na busca pela diferença em si, onde os sentidos estão mais nas forças do que nas formas de expressão, o método da cartografia se constitui como um modo de conhecer que não busca respostas ou motivos, mas que se dedica a acompanhar os processos de subjetivação.

Sônia Mansamo (2009) destaca que o objetivo do filósofo Michel Foucault está em criar uma história dos diferentes modos pelos quais os seres humanos tornam-se sujeitos à cultura. A investigação histórica de como são compostas as maneiras de existir do sujeito remete à compreensão de como os modos de subjetivação são constituídos e disseminados. Percorrendo desde os gregos e suas práticas de "cuidado de si", a sociedade disciplinar e a emergência histórica dos estados e suas intervenções biopolíticas, o modo de subjetivação para o autor é compreendido pela escolha estética e política que acolhe um determinado tipo de existência.

As práticas cotidianas são procedimentos de como os modos de subjetivação, nas mais diferentes configurações, podem produzir diferentes formas de vida e organização social. A cultura não é estática, esse truísmo reforça sobretudo as variadas transformações na produção do sujeito e as microfissuras nas estruturas preestabelecidas na contemporaneidade, ou seja, no tempo do agora. As subjetividades são produzidas pelos territórios, bem como os territórios tecidos pelas produções subjetivas. Para Guattari (1992), as subjetividades são processos de produção nos quais compõem e dos quais participam múltiplos componentes. Esse conjunto de condições torna possível instâncias individuais e/ou coletivas em posição de emergir com o território existencial autorreferenciável em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade, ela mesma subjetiva.

A cartografia da fronteira foi traçada a partir de uma experiência da pedagogia da viagem. Através do projeto “O Para-formal na fronteira Brasil-Uruguay: controvérsias e mediações no espaço público”, financiado pelo Edital Universal CNPQ 2014, um grupo de 22 viajantes-nômade-pesquisadores (estudantes, professores e profissionais) de diversas áreas do conhecimento (arquitetura, urbanismo, artes visuais, engenharia, nutrição, geologia, sociologia, letras, música e história) percorreu o território da fronteira Brasil - Uruguai. Partindo da cidade de Pelotas rumo às cidades gêmeas Chuí - Chuy, Jaguarão - Rio Branco, Santana do Livramento - Rivera, Quaraí - Artigas, Barra do Quaraí - Bella Unión e Aceguá – Acegua (Figura 1), durante seis dias os pesquisadores foram estrangeiros e errantes, seguindo uma (i)lógica contínua.

Figura 1: Trajeto percorrido na fronteira Brasil-Uruguai. Fonte: Google Maps, editado Lorena Maia, 2016.



O processo da viagem pode ser dividido em três grandes momentos: o primeiro se ocupou dos preparativos, o segundo do acontecimento da viagem e o terceiro das reflexões posteriores ao retorno. Os viajantes compunham diferentes objetivos e metodologias de pesquisa, às vezes caminhavam em companhia, outras sozinhos. Não existiam regras, apenas o combinado de locais e horários de saída para o próximo destino. Cada pesquisador tinha um diário de campo composto pelo cronograma de viagem, mapa geral do percurso, informações diretas de cada cidade (mapa, localização do hotel e de restaurantes) e folhas em branco para anotações. O diário também tinha o intuito de promover um aparato para coleta e compartilhamento das percepções, sensações, descrições e produções subjetivas de cada pesquisador.

A viagem cria possibilidades de apreender a vida, a ciência e a educação além do pensamento dicotômico, cujos termos permitem somente dois extremos como por exemplo o claro e o escuro, visto na pedagogia tradicional das escolas. A pedagogia da viagem, baseada em Popkewitz (2001), aconselha a busca por perguntas, uma vez que as respostas não as extinguem ou reduzem. Esta pedagogia da experiência do entre, da fresta nas cidades, da ordem da complexidade e das multiplicidades, ocasionalmente pode expressar relações menores, desterritorializantes, provocando encontros, acontecimentos e outros modos de vida.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca (BONDÍA, 2002). Os viajantes-nômades-pesquisadores durante o percurso pela fronteira tiveram uma experiência corporal que provocou marcas tanto em si, quanto no corpo desse território. Como uma espécie de grafia urbana, a cidade fica gravada no corpo de quem a experimenta, inserindo-o mesmo que involuntariamente, numa denominada corpografia (JACQUES, 2008).

Ver, ouvir, sentir e vivenciar, deixando-se ser afetado e permitir-se ser guiado também pelas experiências que a cidade pode proporcionar. Numa visão de conhecimento, a partir do agenciamento dos registros das experiências vivenciadas e compartilhadas – por meio dos diários de campo, fotografias, vídeos, desenhos, entre outros – a conceitos da filosofia da diferença, foi possível contrapor o discurso hegemônico de uma fronteira única, para construir uma fronteira carregada de heterogêneos e complexidades.

CIDADES PEQUENAS E O CONCEITO DE “LITERATURA MENOR”

Em razão de que só a expressão oferece os procedimentos, Franz Kafka não coloca a expressão de maneira abstrata e universal, mas em relação com as literaturas ditas menores. Uma “literatura menor” é mais apta a trabalhar a matéria, por exemplo, a memória de uma pequena nação não é mais curta que a de uma grande, portanto ela trabalha muito mais fundo o material existente (DELEUZE e GUATTARI, 2014). A máquina de expressão não em comparação, mas na diferença em si, cria, recria, intervém nas estruturas ditas consolidadas e postas de forma hierárquica. O sentido de cidade, campo, território, fronteira, dançam na corda bamba.

Uma “literatura menor” não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior, por exemplo o alemão de praga, literatura judia em Praga. As cidades pequenas, na fronteira entre o campo e a cidade, geralmente são abordadas enquanto cidades, na generalização das metrópoles. Nesse contexto, a cartografia se coloca à espreita dos acontecimentos e diferenças produzidos pelos processos continuum das subjetividades, no território das cidades pequenas da fronteira, Aceguá - Acegua, zonas de vizinhança e indiscernibilidade.

Os estudos sobre cidades pequenas na área da arquitetura e do urbanismo são exíguos, possivelmente visto a emergência de produzir conhecimento perante as críticas demandas das cidades grandes, como o trânsito e o aglomerado populacional. No entanto, também é preciso pensar nas cidades pequenas, pois esses territórios não estão dissociados dos processos econômicos, políticos, sociais e culturais do fenômeno da urbanização. No Brasil, estatisticamente 83% dos 5.507 municípios existentes têm como sede municipal núcleos de população inferior a 20 mil habitantes, ou seja, pertencem à classe das cidades pequenas (SOARES e MELO, 2010).

A primeira característica da “literatura menor” é o coeficiente de desterritorialização, onde a impossibilidade de escrever de outro modo que não em alemão é para os judeus o sentimento de uma irredutível distância de sua territorialidade primitiva. A partir da bibliografia de Deleuze e Guattari (1995), pode-se pensar os conceitos de territorialização e desterritorialização como processos concomitantes, fundamentais para compreender as práticas humanas. As multiterritorialidades, acerca da atualidade, onde é possível habitar diversas cidades ao longo da vida, seja pelas mudanças em busca de estudo e trabalho ou pelas viagens, expõem que a referência de cada um se dá pelos territórios percorridos, cada indivíduo se constitui de muitos outros em constante processo de territorialização e desterritorialização.

A ligação do indivíduo no imediato-político, segunda característica da “literatura menor”, revela que o espaço exíguo faz com que cada caso individual se torne mais necessário e indispensável, aumentando ao microscópio. Tudo é político. Nesse sentido, o triângulo edipiano – pai, mãe e filho – se conecta a outros triângulos: comerciais, econômicos, burocráticos, jurídicos, que determinam que os valores sejam políticos. Passando em plena luz, encontra por toda a parte a fronteira devido a esses estreitamentos.

A terceira característica da “literatura menor” assume o valor coletivo. Não há sujeito, há agenciamentos coletivos de enunciação, que podem ser apresentados como uma tetra-valência entre território, desterritório, forma de expressão e forma de conteúdo. A literatura produz uma solidariedade ativa, a situação de o escritor estar à margem o coloca ainda mais em condição de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade. A máquina literária toma o lugar de uma máquina revolucionária porvir. A literatura é a tarefa do povo. Não há tão grande, nem tão revolucionário, quanto o menor.

Agenciar o conceito de “literatura menor” nas cidades pequenas constitui em acompanhar os processos de resistência no cotidiano. Resignar o individualismo naturalizado e incentivar os encontros. Possibilitar invenções microssociais, novas formas de vida, que não se referem às regras universais. A obrigatoriedade, a obediência precisa dar espaço a outras possibilidades de existir, numa heterogênea composição de cores, matizes, constâncias, velocidades, perspectivas no domínio de um território, de uma unidade pulsante e avessa a nivelamentos.

A seguinte descrição de Ângela Endlich sobre as cidades pequenas da região nordeste do Paraná pode ser facilmente aplicada à concepção de qualquer cidade pequena:

A presença das pequenas cidades pode ser facilmente comprovada ao se percorrer a região. A cada dez, vinte ou trinta quilômetros encontra-se um pequeno centro urbano, silencioso, aparentemente pacato, quase todos bem arborizados. Os menores possuem, em geral, uma longa avenida (muitas vezes a própria rodovia), em torno da qual as ruas se prolongam por dois ou três quarteirões, de um lado e de outro, avistando-se facilmente o limite entre as áreas consideradas como urbana e rural (ENDLICH, 2006, p.54).

Contudo, para apreensão das cidades pequenas além da classificação demográfica, das suas funções e formas, também se torna imprescindível observar as práticas do cotidiano e os processos de subjetivação que decorrem desses procedimentos.

As cidades apresentam características particulares condicionadas por sua história, pelo ambiente geográfico onde estão inseridas, pelas características de sua população, e até mesmo do seu porte. Jane Jacobs, em sua obra *Morte e vida de grandes cidades* (2000), afirma que é um grande erro a tentativa de entender as cidades menores com base nas metrópoles. Atualmente, o mesmo pensamento tem sido reforçado por Henrique Wendel (2015) quando apresenta a tese de que as cidades pequenas se encontram num momento crítico de mudança, se deixarem escapar a possibilidade de coexistência entre o urbano repetição e o urbano diferença, elas serão apenas um conservatório de toda uma gama de objetos e funções que já estão prontos. Repetir não é acrescentar. A repetição é a universalidade do singular. As cidades que se sujeitam a estas determinações tornam-se passíveis de serem dominadas pelo urbano como negatividade, como padronização.

ACEGUÁ E ACEGUA, CIDADES PEQUENAS NA FRONTEIRA

O Uruguai tem seu território em fronteira com os países Argentina e Brasil. Esse encontro transfronteiriço dado por uma "linha imaginária", divide os espaços urbanos e rurais, secos e fluviais, por vezes unidos por estrada ou ponte. Para Enrique Mazzei e Mauricio de Souza (2012), a abordagem da fronteira entre os dois países, Brasil (8.511.189 km² e 190.732.694 habitantes) e Uruguai (176.215 km² e 3.286.314 habitantes), repercute numa evidente assimetria. Sendo assim, a partir dos dados de extensão territorial e população, os autores consideram mais plausível trabalhar a realidade dessa fronteira numa escala entre o Uruguai e o estado do Rio Grande do Sul (281.730 km² e 10.693.929 habitantes), a fronteira gaúcha.

A fronteira Brasil-Uruguai recebe epítetos de fronteira-viva, fronteira-modelo, fronteira da paz, sendo considerada a fronteira mais aberta, densa e homogeneamente povoada, no Estatuto da Fronteira (PUCCI, 2010). Porém, quando experienciada a fronteira gaúcha, se faz notório um território heterogêneo, de fronteiras singulares em cada encontro.

O sentimento coletivo de vizinhança nos intercâmbios cotidianos de bens e serviços é notório na fronteira uruguaio-brasileira. De acordo com a tese de Adriana Dorfman (2008), é possível experimentar uma condição fronteiriça nessa fronteira gaúcha, onde as diferenças se ampliam pela justaposição de experiências nacionais, ao mesmo tempo em que se apagam através de dispositivos de transição. Em outros casos, práticas e objetos geográficos são unificados pelas redes de infraestrutura, criados a partir das extraterritorialidades e ilegalidades, espelhados por redes compartilhadas e distinguidos pela administração dos limites e das barreiras nacionais.

A viabilidade política e econômica do Uruguai tem motivado novas regionalizações internas. Esses intercâmbios econômicos são fortemente dinamizados pelos free-shops, que vendem exclusivamente para os brasileiros. O processo de crescimento comercial tem fortalecido a atração das cidades no emprego de serviços urbanos e outras atividades associadas com as áreas de hotelaria, gastronomia e turismo. Contudo, em oposição a essa ideia de desenvolvimento local e qualificação urbana, os dados econômicos, juntamente com o que é experienciado nas localidades com livre comércio, mostram que a eficiência econômica é regulada pelo menor tempo em que o consumidor permanece no lugar para efetuar suas compras.

As cidades da fronteira, inclusive as reconhecidas como gêmeas e que possuem zonas francas, apresentam escassa discussão no âmbito da arquitetura e urbanismo. Essas áreas de borramento apresentam questões que precisam ser observadas além dos dados e delimitações demográficas, pois tangem relações afetivas e espaciais singulares sobre o território. Situação possível de ser observada pela fala do morador de Aceguá - Acegua no documentário Linha imaginária (2014), quando ele diz: “as leis de lá [referindo-se às cidades grandes] não servem aqui [referindo-se às cidades pequenas da fronteira], aqui é diferente”.

A origem das cidades é um tema obscuro, várias são as histórias contadas. O início do núcleo urbano das cidades gêmeas Aceguá - Acegua, não diferente desse contexto, atesta várias anunciações. Conforme seu topônimo, na língua tupi-guarani, significa "local de descanso eterno" (MOURA, 2010), o que provavelmente indica o local de um cemitério indígena, sendo os primeiros habitantes desse território os índios charruas, guenoas e minuanos. Lewis Mumford (1961) afirma que a cidade dos mortos antecedeu a cidade dos vivos. Os mortos foram os primeiros a se fixar e deram origem à propriedade da terra, que cultuada pelos ritos dos vivos estabeleceu umas das primeiras constituições sociais sobre o espaço, as necrópoles.

Nos contos populares da região aparece outra elucidação da origem desse aglomerado urbano, também acerca do seu topônimo, em razão dos contrabandistas uruguaios e brasileiros que circulavam com mercadorias pelos caminhos rurais para fugir da fiscalização, "El Camino de Los Quileros". Eles, ao passar pelos cerros, escutavam o uivo dos lobos da pequena espécie denominada Guará ou Sorro, e diziam: “Hay um bicho que hace guá”.

A dicotomia presente nos sentidos desse território: Aceguá - Acegua, campo - cidade, também aparece nos contos de sua origem: repouso - movimento, parada - passagem. A fronteira transborda os limites, enquanto movimento, potência, dormência, ebulição, e os resignifica. Embora, a maior parte dos dados históricos e geográficos sejam a respeito do território brasileiro, a leitura dessas cidades pode ser vista de forma diluída, destaca-se que o importante é a superfície, o contato. Sem um limite físico perceptível (Figura 2), ao caminhar pelas cidades não é possível distinguir o território pelos países que o compõe. Uma vez que os limites visuais são mais perceptíveis entre as paisagens urbanas, ainda que com caráter rural: ruas de chão batido e cavalo como meio de transporte, e as paisagens de campo, horizonte pampeano (Figura 3). A experiência da pedagogia da viagem em Aceguá - Acegua remete a uma cidade única, repleta de singularidades.



Figura 2: Linha de fronteira Aceguá-BR/Acegua-UY. Fonte: Gustavo Reginato, 2016.



Figura 3: Caráter Rural Aceguá-BR/Acegua-UY. Fonte: Luana Pavan Detoni, 2016.

Fruto da rota do comércio informal, na fronteira seca do Brasil e Uruguai, os municípios de Aceguá - Acegua procedem com diversificadas etnias. Inicialmente compostas por descendentes de portugueses, espanhóis, índios e negros que formaram o gaúcho ou el gaicho. Seguido pela colonização germânica, que construiu as localidades rurais de Colônia Nova, Colônia Médiçi e Colônia Pioneira, mantendo hábitos e tradições de origem. E mais recentemente pelos imigrantes árabes, cujos costumes e tradições configuram o comércio local.

A característica do espaço que permeia o rural e o urbano também é perceptível nos dados econômicos do IBGE, relativos ao PIB - Produto Interno Bruto. Os setores da economia de maior destaque são, por ordem, o primário (agropecuária), o terciário (comércio/serviços) e o secundário (indústria). No século XX, Aceguá teve o auge dos seus negócios, já que as dificuldades na Europa, em termos de alimentação e vestuário, fortaleceram a produção bovina e ovina, produtos ainda hoje altamente expressivos no PIB do município. Já o setor terciário, resultado da diferença cambial, tem sido mais favorável ao Brasil, o que atrai os consumidores uruguaios (MOURA, 2010).

Até a década de 1960, a principal atividade econômica de Aceguá foi a cultura de trigo, que em declínio levou os produtores à bovinocultura de leite, configurando ainda hoje uma das mais importantes bacias leiteiras do Rio Grande do Sul. O processo de migração dos produtores de arroz, na década de 1970, vindos do norte do estado do Rio Grande do Sul, desenvolveu um sistema de integração lavoura-pecuária, com rotatividade de cultivo de arroz e semeaduras de pastagens. Nesta época, também, se inicia a criação de cavalos Puro Sangue Inglês, para as típicas carreiras em Aceguá.

Ao observar a história desde os primeiros homens – catadores, coletores, caçadores, lavradores, camponeses, burgueses – pode-se dizer que a economia direciona a cultura. Trocar os modos de subsistência requer mudar os modos de vida também. Em 2006 a instalação das lojas de livre comércio, os free-shops, na linha divisória entre Aceguá - BR e Acegua - UY, acabou por aprimorar o comércio brasileiro nas mercadorias mais voltadas ao dia a dia da população, sendo nítida a presença do consumidor uruguio, em especial quando a relação do câmbio está favorável. Situação observada nos supermercados brasileiros lotados de uruguaios e os produtos anunciados em espanhol. Junto à presença dos free-shops também surgiu o comércio ambulante voltado ao artesanato e aos produtos típicos de camelô, como óculos, CDs, DVDs, entre outros acessórios.

Elias Cornell (1998) aborda que o comércio não tem tanto valor nas primeiras culturas de cidade e campo. Hostil à religião e à sociedade. Visto que era estranho comprar mais do que se necessita e vender por mais do que compravam. Inicialmente, com exceção do tempo e espaço das feiras de produtos artesanais e de trocas e vendas, o comércio teve dificuldade para encontrar um lugar nas cidades.

O circuito superior da economia caracterizado pela presença dos free-shops, desde a sua instalação provocou alteração sobre a especulação imobiliária da área central do aglomerado das cidades gêmeas. Os rumores da presença das lojas francas também do lado brasileiro afirmam esse cenário, alguns terrenos já se encontram negociados, na expectativa de receber a liberação da Receita Federal.

A tipologia de megastore, das lojas free-shop, apresenta um novo estilo de construção na paisagem desse núcleo de urbanização na região da campanha. Prédios de grandes dimensões, guarnecidos por sistema de ar condicionado e central de alarme, revestidos por painéis e grandes letreiros com anúncios das marcas e dos produtos comercializados, perfumes, bebidas e eletroeletrônicos em geral.

Do ponto de vista do desenho urbano, o espaço público em frente às lojas não apresenta qualidade arquitetônica e urbana. O acesso se dá por portas automáticas, verdadeiros portais que levam o consumidor, em apenas um passo, da ambiência caótica da rua para a ambiência luxuosa da loja. Característica comum dos lugares de consumo, no interior das lojas poderia se proferir até mesmo outra localização, um cenário próprio por exemplo da Disneylândia.

A praça com sua vida, localização e configuração, traz muitas formas de compreender a cultura de cidade e campo. É nela que a cada ano, semana, dia a população se encontra, acontecem feiras, festas e apropriações das mais diversas. A praça próxima ao marco da fronteira de Aceguá/BR - Acegua/UY, recebe geralmente aos sábados uma loja de móveis e eletrodomésticos da região, com sede em Bagé –cidade vizinha. A loja expõe na praça os seus produtos – sofá, geladeira, fogão, bicicleta – que parecem mobiliários urbanos, visto a sua escala. Atividade provavelmente corriqueira e banal no cotidiano das cidades, obstrui as perspectivas visuais para o marco fronteiro, isolando-o dessa forma da dinâmica da praça. Em outra face da praça observa-se o estacionamento das excursões de turistas/consumidores. Soma-se também a esse cenário as atividades do comércio informal, no qual são comercializadas mantas e capas para banco de carro (Figura 04).



Figura 04: Praça de Aceguá-BR/Acegua-UY. Fonte: Luana Pavan Detoni, 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse ensaio abre as fronteiras para uma metodologia da diferença, que não desfaz os estudos existentes, mas cria um novo olhar sobre os territórios das cidades pequenas. O território sendo uma noção geográfica, mas antes uma noção de poder, designa as relações de força e de resistência que permeiam um determinado espaço e tempo. Essas relações de subjetividades são matéria-prima para qualquer produção. Contudo, o que é produzido em uma sociedade tem

sentido para determinado sujeito e para a sua cultura, enquanto em outro contexto é apenas um objeto estranho.

O sujeito, ao mesmo tempo em que se subjetiva ao fazer a experiência de si, também é subjetivado conforme as condições externas de possibilidade de seu tempo e de cultura, fato que questiona uma suposta autonomia e liberdade dentro da responsabilização individual, afinal o sujeito só existe nas relações, como na relação com a cidade que habita. Os modos de subjetivação e de objetivação não são independentes uns dos outros, seu desenvolvimento é mútuo.

A experiência cartográfica da pedagogia da viagem nas pequenas cidades da fronteira Aceguá - Acegua expõe um território único e repleto de singularidades, que transborda os limites. Resignificando a cidade pequena como fronteira, movimento, potência, dormência e ebulição. E também com a potência de trabalhar a sua matéria como uma “literatura menor”.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.
- BENJAMIN, Walter. Escola de Frankfurt Experiência e pobreza. In: Obras escolhidas. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 114-119.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: Revista Brasileira de Educação. N. 19. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em 22 ago. 2016 (2002). p. 20-28.
- CASTRO, Edgardo. Vocabulário de Foucault - Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CORNELL, Elias. A arquitetura da relação campo-cidade. Brasília: Editora Alva Ltd., 1998.
- DELEUZE, Gilles. Conversações. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles. Crítica e clínica. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Kafka: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- DORFMAN, Adriana. A condição fronteiriça: a experiência local de um objeto geográfico nacional. São Paulo: XV Encontro Nacional de Geografia, 2008.
- ENDLICH, Ângela Maria. Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do Noroeste do Paraná. Tese de Doutorado. Presidente Prudente: Programa de Pós-Graduação em Geografia/Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente/Universidade Estadual Paulista. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/105037/endlich_am_dr_prud.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 20 set. 2016 (2006).

- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. Segurança, território, população. Curso no Collège de France (1977-1978). São Paulo, Brasil: Martins Fontes, 2008.
- FUÃO, Fernando. CONSTRUIR, MORAR, PENSAR; Uma releitura de Construir, habitar, pensar (bauen, wohnen, denken) de Martin Heidegger. Disponível em: <<http://fernandofuao.blogspot.com.br/2015/01/construirmorar-pensar-umareleitura-de.html>>. Acesso em 20 ago. 2016 (2015).
- GUATTARI, Félix. Da produção de subjetividade. In: Caosmose: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 11-44.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Aceguá, Rio Grande do Sul. Brasil, 2010.
- JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. In: Arquitextos, n. 093.07, São Paulo: Vitruvius, Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>. Acesso em 20 ago. 2016 (2008).
- LANGIE, Cíntia; ANDREAZZA, Rafael. Documentário A Linha Imaginária. Pelotas: Moviola, 2014.
- MANSANO, Sônia Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. In: Revista de Psicologia da UNESP 8(2). Disponível em: <<http://186.217.160.122/revpsico//index.php/revista/article/viewFile/139/172c>>. Acesso em 20 ago. 2016 (2009). p. 110-117.
- MAZZEI, Enrique; SOUZA, Mauricio de. La Frontera en Cifras. Melo Departamento de Cerro Largo: Imprensa CBA, 2012.
- MOURA FILHO, José Luiz de. Multiterritorialidade em regiões transfronteiriças: estudo de duas cidades gêmeas na fronteira Brasil/Uruguai. Tese de Doutorado. Santa Cruz do Sul: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional/UNISC. Disponível em: <<http://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/384/1/JoseMFilho.pdf>>. Acesso em 20 ago. 2016 (2010).
- MUMFORD, Lewis. A Cidade na História. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1965.
- POPKEWITZ, Thomas S. Lutando em defesa da alma. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- ROCHA, Eduardo. Arquiteturas do abandono (ou uma cartografia nas fronteiras da arquitetura, da filosofia e da arte). Tese de Doutorado. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura/UFRGS. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/24722/000746117.pdf?sequence=1>>. Acesso em 20 ago. 2016 (2010).

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.

SOARES, Beatriz Ribeiro; MELO, Nágela Aparecida de. *Cidades médias e pequenas: reflexões sobre os desafios no estudo dessas realidades socioespaciais*. In: *Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso*. Salvador: SEI, 2010. p. 229 - 247.

PUCCI, A. S. *O estatuto da fronteira Brasil-Uruguaí*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2010.

WENDEL, Henrique. *Diferenças e repetições na produção do espaço urbano de cidades pequenas e médias*. In: *Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso*. Salvador: SEI, 2010. p. 45 - 58.